

Identidade e imigração em *Nur na escuridão*, de Salim Miguel**Luciana WREGE RASSIER¹
Universidade Federal de Santa Catarina****Traduzido do francês por Karla Giane Cruz Vighi e Roseli Silva**

Mescla de ficção e realidade, *Nur na escuridão*, publicado em 1999, conta a história de uma família de libaneses que chega ao Brasil em 1927. Alusões a imigrantes libaneses e sua cultura já se encontravam na obra do jornalista e escritor Salim Miguel desde seus primeiros textos, que datam dos anos 1950, sem necessariamente ocuparem o primeiro plano². *Nur na escuridão* tem, portanto, um lugar privilegiado no universo do autor na medida em que nele são detalhados o contexto libanês e as razões pessoais que incitam o casal Yussef e Tamina a deixarem seu país, assim como a travessia que realizam do Atlântico, a chegada ao Rio de Janeiro, a instalação no estado de Santa Catarina – primeiro em cidades do interior, posteriormente na capital, Florianópolis –, as dificuldades enfrentadas, o processo de integração. A narrativa abrange uma grande parte do século XX, mais precisamente o período entre 1923 e 1996. História de família, mas também do mundo e do Brasil, pois o narrador se interroga repetidamente sobre as consequências dos acontecimentos históricos (Revolução de 1930, governo de Getúlio Vargas, ascensão do nazismo, Segunda Guerra Mundial, ditadura militar) na vida das pessoas.

Assim, compreendemos facilmente por que a publicação de *Nur na escuridão* teve tanta repercussão³. Por um lado, esse romance preenche uma lacuna na literatura brasileira no que concerne as narrativas sobre a imigração libanesa⁴. Ele é pioneiro quanto à narrativa

¹ Doutora em Estudos Românicos pela Universidade de Montpellier, Luciana Wrege Rassier atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina desde 2010. Lecionou Literatura e Cultura brasileiras nas universidades de Montpellier (1994-2002) e de La Rochelle (2003-2010). Co-traduziu, com Jean-José Mesguen, os romances *Pequod*, de Vitor Ramil, e *Primeiro de Abril, narrativas da cadeia*, de Salim Miguel, publicados pela editora francesa L'Harmattan. Publicou vários textos sobre literatura brasileira e comparada, dentre os quais trabalhos sobre a obra de Salim Miguel e sobre o Grupo Sul (Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina). Co-dirige desde 2008 o “Pôle de Recherches Interuniversitaires sur les Pays de Langue Portugaise” (PRIPLAP), com sede na Universidade de Rennes. É membro do “Centre de Recherches en Histoire Internationale et Atlantique” (CRHIA), das Universidades de Nantes e de La Rochelle.

² A importância desta temática é sublinhada pelo próprio escritor: « Outra fonte fundamental na literatura de Salim Miguel está em sua própria origem libanesa. ‘No meu caso, em boa parte dos meus 16 livros de ficção, ela aparece direta ou indiretamente’ » in ANGIOLILLO, Francesca. « Salim Miguel ganha Troféu Juca Pato », *Folha de São Paulo*, 06 jun. 2002.

³ Inúmeros artigos foram publicados na imprensa, sobretudo após a entrega do prêmio de melhor romance da Associação Paulista de Críticos de Arte (1999) e do prêmio Zaffari-Bourbon (2001 – compartilhado com Antônio Torres por *Meu querido canibal*).

⁴ Vários críticos destacam essa lacuna, como Marcelo Rollemberg em « *Nur* recupera uma história ainda por contar »: « Afinal, a saga dos libaneses que aportaram no Brasil é vasta, tratando desde mascates até poderosos

bastante detalhada da vida no Líbano, da preparação e do desenrolar da viagem até o Brasil, das diferentes etapas de adaptação dos recém-chegados, bem como da rede de apoio constituída pela comunidade libanesa já instalada aqui. Entretanto, convém lembrar que, pela descrição das relações familiares, pela atmosfera oriental, e pela técnica narrativa inspirada nas *Mil e uma noites*, esse romance aproxima-se de outras obras que põem em cena imigrantes libaneses, como *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduan Nassar, e *Relato de um certo oriente* (1989), de Milton Hatoum. Por outro lado, *Nur na escuridão* se inscreve, como os textos precedentes do autor, na tradição das narrativas que apresentam um caráter universal, capaz de interessar a um público amplo apesar de as personagens estarem nitidamente inseridas em um tempo e um espaço bem determinados. Trata-se, aliás, de uma das características do projeto literário de Salim Miguel. Sendo assim, não é por acaso que o escritor ressaltou a importância que atribui ao aspecto social de sua obra, ao final de seu discurso na cerimônia de entrega do Prêmio Juca Pato, que o sagrou « Intelectual do ano » em 2002: « Procurei ao longo dos anos traçar um painel do meu tempo e da minha gente. Talvez tenha sido essa uma das razões para que hoje receba este troféu »⁵.

Efetivamente, ao longo das quase 260 páginas de *Nur na escuridão*, estão presentes diferentes elementos relativos à imigração e suas questões identitárias. No entanto, eles se encontram dispersas no texto, não sendo tratados de maneira sistemática. A vida da família de imigrantes libaneses de que trata a obra é contada por meio de personagens que aparecem e desaparecem, para às vezes reaparecer em seguida, e por meio de alguns episódios que são retomados ou, ao contrário, ficam sem sequência, mas que podem ser igualmente apresentados sob diferentes versões. Tudo isso em uma estrutura organizada em torno de inúmeros saltos temporais.

Neste artigo, interrogamo-nos sobre a maneira como construção identitária, imigração e culturas em contato são abordadas nesse romance.

Uma saga familiar

donos de banco, e merece ser bem registrada. O romance do escritor e jornalista Salim Miguel, *Nur na escuridão*, cuida de recuperar um pouco dessa história ainda não totalmente contada », in *O Globo*, 25 dez. 1999. O próprio Salim Miguel destaca: « Ao contrário da imigração italiana e alemã, que deixou uma literatura a respeito, praticamente não existem relatos sobre a vinda de libaneses para o País » in PAGANINI, Joseana. « Saga de uma família libanesa », *Jornal de Brasília*, 28 set. 2000.

⁵MIGUEL, Salim. « Troféu Juca Pato », *Jornal da UBE*, n°100, out. 2002, p. 5-6. Este prestigioso prêmio é organizado pela União Brasileira dos Escritores (UBE) em parceria com o jornal *Folha de São Paulo*.

Em consequência da estrutura temporal extremamente fragmentada que Salim Miguel emprega na construção de *Nur na escuridão*, a reconstituição cronológica dessa história familiar não é fácil; aliás, suas lacunas e imprecisões são assinaladas e destacadas pelo narrador. É somente graças a releituras minuciosas que podemos abstrair os inúmeros episódios e envios analépticos e prolépticos para identificar o fio cronológico da narrativa. Vejamos suas linhas gerais:

Casados em 1923 (p. 46)⁶, Yussef e Tamina já têm três filhos em 1927 (Salim, o primogênito, nascido em 1924 – p. 51, e duas filhas, Fádua e Hend, esta nascida em janeiro de 1927 – p. 58), com os quais deixam o Líbano, em companhia de um dos irmãos de Tamina, Hanna. O navio parte de Beirute e faz uma parada em Alexandria, antes de chegar a Marselha, onde obtêm o visto para o Brasil em 14 de abril (p. 78). Duas semanas depois, a bordo de um navio italiano (p. 60), começam a travessia do Atlântico, que dura aproximadamente três semanas (p. 76), com uma breve parada em Dacar (p. 73). Uma vez no Rio de Janeiro, permanecem dois dias na casa de um compatriota (p. 36), esperando que a irmã de Yussef, Sada, venha procurá-los e levá-los a Magé, onde se instalam. Yussef torna-se mascate, aprendendo com seus compatriotas tanto as técnicas de venda e de negociação quanto frases elementares em português (p. 90). Inicialmente com Hanna e depois sozinho, mascateia pelas estradas de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Macaé e da Baixada Fluminense (p. 86-88). Devido à pouca rentabilidade da atividade, decide ir ao estado de Santa Catarina, a fim de aconselhar-se com outros libaneses e avaliar as condições para ali se instalar. Após um telegrama mal interpretado, sua família o reencontra em Florianópolis (p. 95), onde ficam somente alguns dias, antes de se instalarem na cidadezinha de São Pedro de Alcântara.

Nessa localidade, Yussef abre uma loja na qual vende comida, bebidas, ferramentas e tecidos, além de continuar mascateando. É lá que nasce seu quarto filho, Jorge, em fevereiro de 1929 (p. 100). Pouco tempo depois, transferem-se para Rachadel e, em seguida, para Alto Biguaçu, onde nasce Sayde no final de 1931 (p. 170). Nesse ínterim, Hanna os deixa e se instala em Porto Alegre (p. 175). Em 1932 mudam-se para Biguaçu, onde ficariam até 1943. Lá nascem os últimos filhos – Fauzi, em 1933, e o caçula, Samir, em 1940 (p. 175). É também em Biguaçu que outro irmão de Tamina, Tufik, permanece com eles durante algum tempo.

Uma vez na capital, moram em casas alugadas (Praça 15 de Novembro, Rua Lacerda Coutinho). Somente após a morte do caçula, em dezembro de 1954, Tamina persuade Yussef a comprar um terreno (p. 247). Cerca de um ano depois, a nova casa, situada na Avenida Rio

⁶ MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. Nas citações do romance, indicaremos doravante somente o número das páginas entre parênteses.

Branco, fica pronta, graças a um financiamento obtido junto à Caixa Econômica Federal. Tamina falece em março de 1956, com pouco mais de cinquenta anos (p. 242). Nenhum dado permite precisar o ano do falecimento de Fádua, filha que ficou morando com o patriarca – salvo o fato de ele já estar idoso. Quando morre, entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a casa da família fica hipotecada (p. 254).

Apesar da complexa estrutura temporal utilizada por Salim Miguel, essa saga familiar é contada de maneira relativamente linear nos dois primeiros terços do romance, como veremos a seguir.

A estrutura do romance

Essa narrativa em terceira pessoa se organiza em trinta capítulos numerados e com títulos. Eles podem ser reagrupados em cinco partes:

- Primeira parte (capítulos 1 a 5). O capítulo inicial estrutura-se em um vai-e-vem temporal que corresponde ao que o narrador identifica como sendo a técnica narrativa de Yussef, fortemente inspirada na das *Mil e uma noites*. Nesse capítulo, idoso e viúvo, Yussef está na casa de seu filho no Rio de Janeiro. Identificamos diferentes fragmentos correspondentes tanto à narrativa das atividades de Yussef durante sua estada no Rio quanto às lembranças contadas pelo patriarca sobre sua chegada, com Tamina, Hanna e os três filhos, à Praça Mauá. Os capítulos 2 a 5 apresentam os dois dias passados no Rio e a viagem de trem para Magé, respeitando uma cronologia linear.

- Segunda parte (capítulos 6 a 26). Esse conjunto, introduzido pela fórmula « Recuemos no tempo » (p. 44), conta, no final do quinto capítulo, a vida de Yussef e Tamina no Líbano depois do casamento, a chegada a Marselha (capítulos 6 a 9), a estada nessa cidade e a travessia do Atlântico (capítulos 10 e 11), a chegada ao Brasil em uma ilha próxima à cidade do Rio de Janeiro. Aqui, a narrativa retoma o episódio do cais da Praça Mauá evocado no capítulo inicial e os acontecimentos tratados nos capítulos 2 a 5, cuja sequência cronológica corresponde ao aprendizado da atividade de mascate em Magé e arredores (capítulo 13). Em seguida, o romance aborda a estada de Yussef no estado de Santa Catarina, onde a família dele o reencontra (capítulos 14 e 15), a breve estada em São Pedro de Alcântara e em Alto Biguaçu, assim como a mudança para Biguaçu (capítulos 16 e 17), a vida nessa localidade (capítulos 18 a 21), a instalação e a vida em Florianópolis, até a aposentadoria de Yussef (capítulos 22 a 26).

Os dois capítulos que se seguem representam mais de um quarto do romance (73 das 258 páginas).

- Terceira parte (capítulo 27). Enquanto o conjunto precedente (capítulos 6 a 26) é muito marcado pela memória, o capítulo 27 (Fios) a tem como assunto principal, pois o narrador analisa os procedimentos a ela inerentes, numa introdução de quase duas páginas. Em seguida, dezenove fragmentos introduzidos pela expressão «Nítida a cena» evocam episódios vividos no estado de Santa Catarina e correspondem cronologicamente às diferentes cidades do interior onde Yussef e sua família moram. Dessa forma, os fragmentos 1 a 4 remetem a São Pedro de Alcântara, Rachadel e Alto Biguaçu. Os quinze fragmentos restantes tratam dos episódios vividos em Biguaçu e funcionam como uma espécie de preparação para o capítulo seguinte, visto que fazem alusão a várias personagens dessa localidade.

- Quarta parte (capítulo 28). A estrutura desse capítulo (Perfis) assemelha-se à do capítulo 27, pois nele identificamos uma introdução, na qual o narrador se interroga sobre os mecanismos que entram em jogo na gênese das personagens. A isso seguem-se nove fragmentos numerados, cada um evocando uma personagem de Biguaçu, todas já conhecidas do leitor, algumas presentes em outros textos de Salim Miguel – por vezes desde *Alguma gente* (livro de contos de 1953) ou *Rede* (romance publicado em 1955), como é o caso do ex-escravo Ti Adão ou do Tio Hanna⁷.

- Quinta parte (capítulos 29, Mortes, e 30, Sementes). Com a temática da morte, esses dois últimos capítulos aprofundam a questão da lacuna, a priori impossível de preencher, já evocada na reflexão sobre a memória e seus mecanismos. O capítulo 29 apresenta uma estrutura análoga à dos dois capítulos precedentes, com uma introdução e três fragmentos numerados, através dos quais são lembrados o falecimento de Hanna, o do caçula, o de Tamina e, enfim, o de Fádua. O epílogo conta o falecimento de Yussef, e seu título (Sementes) faz referência aos filhos e netos, que assegurariam a continuidade do patriarca.

Como Salim Miguel insiste no fato de que seu romance relata a história de uma família específica, retrabalhada para tornar-se um texto de ficção, certos fatos correntes na história da imigração libanesa no Brasil são instrumentos úteis na exegese de *Nur na escuridão*⁸.

⁷ MIGUEL, Salim. *Alguma gente (histórias)*. Florianópolis: Editora Sul, 1953; *Rede*. Florianópolis: Editora Sul, 1955.

⁸ «Ao mesmo tempo em que traço a saga de uma família de imigrantes libaneses pelos caminhos do Brasil, procuro interligá-la aos fatos marcantes do período. Claro que o tratamento é ficcional, os acontecimentos são reelaborados. Não estava fazendo romance histórico, mas aproveitando elementos da realidade para criar uma ficção», Salim Miguel in ARAÚJO, Paulo. «Entre a ficção e a vida real», *Correio Braziliense*, Brasília, 28 set. 2000.

A imigração libanesa no Brasil

Depois da guerra de 1860, com o intuito de escapar de um contexto econômico pouco favorável, mas também das pressões religiosas, cristãos árabes de certas regiões (território que corresponde atualmente ao Líbano, à Síria e a uma parte da Jordânia) do Império Otomano começaram a emigrar, sobretudo em direção ao Egito, ao continente africano e ao continente americano, particularmente em direção aos Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina.

No caso do Brasil, essa imigração tornou-se sistemática graças, em grande parte, às estadas do imperador D. Pedro II no Império Otomano (1871-1872, 1876, 1887-1888), pois a acolhida que recebeu e a repercussão de suas viagens tornaram o Brasil conhecido, de maneira bastante vaga, porém atraente, apresentando-o como um país longínquo e exótico, onde seria possível enriquecer graças ao fruto do próprio trabalho.

Convém lembrar que depois da Primeira Guerra Mundial o Império Otomano deu lugar a protetorados – francês, no caso do Líbano – que mantiveram as autoridades políticas e religiosas relativamente sob controle⁹. Durante esse período, o contexto econômico e político continuava estimulando a emigração. Se entre 1890 e 1900 mais de 5000 sírios e libaneses vieram ao Brasil, por volta de 1920 eles já eram 12 vezes mais numerosos aqui, e entre 1920 e 1930 mais de 42 mil outros imigrantes chegaram¹⁰. Depois da Segunda Guerra Mundial, já a imigração de libaneses muçulmanos que se tornou significativa e, mais recentemente, a guerra civil no Líbano entre 1975 e 1991 criou uma nova onda migratória. Estima-se hoje em seis milhões o número de brasileiros de ascendência libanesa, o que equivale quase à população do Líbano¹¹.

As diferentes etapas desse fluxo migratório e os setores econômicos em que essa população se inseriu aos poucos são claramente definidos. Assim, entre 1860 e 1900, o ciclo da borracha os levava em direção à Amazônia, enquanto que a riqueza gerada pelo ciclo do café aumentava o interesse da região sudeste. De 1900 a 1918, os recém-chegados continuavam a privilegiar o comércio ambulante, ajudados pelos que já haviam aberto

⁹ A independência do Líbano ocorreu em 1943.

¹⁰ Contrariamente ao que se passou nos Estados Unidos, no Brasil os contingentes de sírios e libaneses eram significativos em relação às principais nacionalidades de imigrantes (portugueses, espanhóis, italianos e alemães). Ver TRUZZI, Oswaldo. « O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo », *Revista de estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.27, 2001, p. 119-120.

¹¹ Nas comemorações dos 125 anos da imigração libanesa no Brasil (o ano oficialmente adotado é 1880), o prefeito de São Paulo sublinhou que aproximadamente dois milhões de libaneses ou descendentes de libaneses moravam nessa cidade: http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/relacoes_internacionais/atuacao_internacional/0011, último acesso em nov. 2006.

entrepósitos e lojas. Um terceiro período, que foi até 1945, correspondeu à aquisição de terras e usinas, assim como à participação de descendentes nascidos no Brasil na administração e na vida política do país¹².

É necessário sublinhar que no início dessa emigração, as destinações Estados Unidos e Brasil estavam estreitamente ligadas. Efetivamente, como lembra Osvaldo Truzzi, muitas vezes o Brasil era escolhido por causa das maiores exigências estabelecidas pelas autoridades norte-americanas (visto, exame de saúde)¹³. Segundo Clark Knowton, às vezes os agentes das companhias de navegação, no intuito de aumentar seus lucros, persuadiam os viajantes a escolher outro destino¹⁴. Além do mais, quando das primeiras ondas de imigração, a América era uma designação muito geral, que podia significar tanto os Estados Unidos quanto o Brasil para pessoas pouco instruídas e desconhecedoras da imensidão do continente. Todavia, aos poucos a escolha do destino foi se tornando mais precisa, já que frequentemente se tratava de juntar-se a parentes estabelecidos em uma determinada localidade¹⁵.

Em consequência do passaporte fornecido pelo Império Otomano, sírios e libaneses eram designados como turcos¹⁶. Essa associação era reforçada por certas características comuns: a língua e a cozinha árabes ou ainda o interesse pelo comércio – pois tornaram-se mascates, como destaca o prefácio de *Qantara*, revista de culturas árabe e mediterrânea, no seu número do verão de 2005, cujo dossiê aborda A saga dos árabes da América:

Aqueles que, ao final do século XIX, viram desembarcar no continente americano os filhos de camponeses libaneses e sírios, os chamaram de "turcos". Eles pertenciam ao Império Otomano e fugiam da fome que o comércio mundial infligia a suas terras, que produziam uma seda que se tornara cara demais.. Mas, em vez de colonos, eles tornaram-se mascates e vendedores ambulantes; uma profissão desprezada e pouco comum¹⁷.

¹² Ver BASTANI, Jorge. *O Líbano e os libaneses no Brasil*. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1945; SAFADY, Jamil. *Panorama da imigração árabe*. São Paulo: Editora Comercial Safady, 1972; SAFADY, Jamil. *A imigração árabe no Brasil (1880-1971)*. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.

¹³ TRUZZI, Oswaldo. *op. cit.*, p. 111.

¹⁴ « Alguns [sírios e libaneses] trabalhavam como agentes das companhias de navegação, e faziam-se passar por emigrantes de torna-viagem para persuadir os seus patrícios a tomar uma certa linha ou uma determinada direção », in KNOWTON, Clark. *Sírios e libaneses – mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1960, p. 28-29, tradução de Yolanda Leite.

¹⁵ TRUZZI, Oswaldo. *op. cit.*, p. 113.

¹⁶ « Os imigrantes que chegaram ao Brasil entre os anos de 1860 e 1914 traziam nas mãos um passaporte, ou outro documento de identidade, indicando cidadania turca », in ZAIDAN, Assad. *Raízes libanesas no Pará*. Belém: Governo do Pará, Secretaria Especial de Promoção Social, 2001, p. 73.

¹⁷ *Qantara, magazine des cultures arabe et méditerranéenne*, Paris, Institut du Monde Arabe, n° 56, 2005, p. 2 (tradução nossa).

Imigração motivada por um contexto econômico e político pouco favorável, destino escolhido a fim de encontrar parentes já emigrados, problemas administrativos, barreiras sanitárias, manipulação por agentes das companhias marítimas, desconhecimento da imensidão territorial do país de chegada, discriminação através do epíteto "turco", mascateagem; vejamos como tudo isso se articula no romance *Nur da escuridão*.

Gênese e objetivo do projeto de emigração

No caso do casal de protagonistas de *Nur da escuridão*, as razões que os levam a deixar seu país estão ligadas ao contexto econômico e também a razões familiares. De fato, o desemprego crescente não prenuncia um futuro estável: « A situação no país, insuportável » (p. 56), « Crise. Dificuldades. Por todo o Líbano, raras as oportunidades de trabalho, empregos escasseiam » (p. 54). A isso acrescentam-se os problemas engendrados pelo caráter intratável de Yussef, que quase agride seu patrão e fica irritado com o bispo, que lhe devia dinheiro: « Mas a situação se complica, aumentam as dificuldades, o desemprego, a animosidade contra ele, de temperamento tão explosivo » (p. 55).

Tamina lança a idéia de emigrar para encontrar seus irmãos nos Estados Unidos. Seu projeto baseia-se em elementos concretos: « Tamina insiste, fala das possibilidades, os irmãos poderão encaminhá-los, ela já se adiantou, fez consultas, a resposta positiva, sim, viessem logo [...] » (p. 55). Yussef permanece reticente. Após a insistência de sua mulher, ele não descarta a possibilidade de partir, mas prefere o Brasil, onde tem um irmão e uma irmã. Ele argumenta que a escolha dessa destinação significaria também aproximar-se do pai de Tamina, que fora para a Argentina (p. 56). O fator determinante é o fato de os irmãos de Tamina terem uma situação mais próspera que a da irmã de Yussef. Contudo, como a cota de imigrantes libaneses já havia sido atingida nos Estados Unidos, a solução é viajar até o México para em seguida cruzar a fronteira, de maneira clandestina. Quando visitara seus irmãos, Tamina conhecera compatriotas que haviam entrado no país desse modo (p. 56). Ela dispunha, portanto, das informações necessárias:

A família chegaria, como tantas outras, via México, tudo já previsto, contatos estabelecidos, até mesmo a pessoa que iria recebê-los ao chegarem em terras mexicanas, eis o nome, e a mãe [Tamina] empurrava um papel com o nome, um tal Pablo Habib, certamente um patrício que falava árabe e já tinha prática, não teria maiores dificuldades em introduzi-los de contrabando nos Estados Unidos, como era comum – e do outro lado da fronteira, a esperá-los, um dos irmãos (p. 65).

Se a gênese desse projeto de emigração é claramente evocada no romance, os fatos que teriam levado à mudança de destinação, dos Estados Unidos para o Brasil, são dados ao leitor por duas versões divergentes. Segundo a versão encontrada na autobiografia de Yussef, traduzida para o português depois de sua morte¹⁸, ele teria tido uma inflamação ocular. Conhecendo a severidade das barreiras sanitárias mexicanas, a família teria modificado seu projeto e então teria partido do Líbano para o Brasil. O narrador de *Nur na escuridão* reconhece que essa versão corresponde aos fatos. Mas enfatiza que, ao contrário da história tantas vezes repetida por Yussef a seus filhos (história presente na memória familiar, e por ela resgatada), uma vez em Marselha é em Hanna que teria sido diagnosticada uma inflamação ocular, cuja cura seria bastante longa e implicaria prolongar sua estada na França. Nesse momento, acontecem dois fatos interpretados por Yussef como sinais do destino: por um lado, ele teria encontrado o endereço da irmã que morava próximo ao Rio de Janeiro e, por outro, ficara sabendo que um navio partiria em breve para o Brasil. Por falta de dinheiro, Yussef e Tamina teriam decidido conjuntamente abandonar o projeto inicial. Apesar desse suposto consenso, o narrador se interroga sobre como Tamina teria encarado essa mudança inesperada. Fazendo isso, semeia na mente do leitor uma dúvida que não será dissipada :

[...] e lá no fundo, *talvez* de forma inconsciente, *um restinho de esperança*, [...] quem sabe, Yussef, habib, podemos retomar o projeto inicial, há tanto acalentado, mais seguro. [...] durante a viagem *talvez* viesse a chorar, *talvez* chorasse escondida no Rio, até mesmo em Magé, até se conformar, *talvez* se recriminasse por não ter resistido um pouco, *talvez*, mais adiante, voltasse a sonhar com a possível retomada do projeto original. [...] ia pensando, sim, *nada impede que do Brasil se vá para os Estados Unidos*. Estava conformada mas não convencida (p. 69 – grifo nosso).

Também as dificuldades econômicas do casal em Marselha são o objeto de duas versões diferentes. Na história contada por Yussef e Tamina aos filhos, essas dificuldades são atribuídas à doença de Hanna, que os teria obrigado a prolongar sua estada na cidade francesa. Mas se acreditarmos na autobiografia paterna, uma vez em Marselha, o diretor da companhia de navegação teria ludibriado Yussef, exigindo dele uma importante soma de dinheiro para regularizar os vistos inicialmente previstos para o México. Essa versão corresponde, como já

¹⁸ Aproximadamente quinze passagens dessa autobiografia estão inseridas no romance. Trata-se de trechos da biografia escrita em árabe pelo pai do autor, e que só foi traduzida para o português quando Salim Miguel estava na fase final da redação de *Nur na escuridão*.

vimos anteriormente, a uma prática corrente na história da migração libanesa para o continente americano¹⁹.

Culturas em contato: entre a abertura e o isolamento na construção identitária

Embora o projeto de Tamina seja baseado em informações concretas sobre os Estados Unidos, as que têm sobre o Brasil são vagas e provêm ou das raras cartas enviadas pela irmã de Yussef, instalada perto do Rio de Janeiro, ou das conversas com pessoas que ele encontra nos arredores dos portos²⁰. Essas informações não são precisas e retomam os mesmos elementos: um país imenso e rico, com uma população mestiça, um país que acolhe os migrantes dispostos a trabalhar com afinco, a possibilidade de construir uma estabilidade econômica:

Interrogam os demais, pensam intrigados será isso o tal de Brasil? Não parece. Mal fazem ideia do país para o qual se dirigem, as informações que têm são inconsistentes, fala-se, sempre, de forma vaga, da extensão territorial, incalculável, na riqueza do solo, onde se plantando tudo dá, de negros e índios, de variada (e rarefeita) população, todas as etnias, dos espaços vazios, das excelentes oportunidades para qualquer um que queira trabalhar com afinco. Exemplos pululam (p. 76)²¹.

É essa diversidade da população que o narrador destaca na visão de Yussef, Tamina e Hanna, seja por meio dos diferentes idiomas que escutam na Praça Mauá (p. 16) ou ainda no trem que os leva do Rio de Janeiro a Magé: « Brancos, negros, louros, mulatos, morenos, velhos e moços, homens e mulheres, comunicando-se nos mais diferentes sotaques [...] » (p. 42). Tal diversidade torna viável uma dialética da alteridade, sublinhada em outros episódios do romance. Primeiro, durante trajeto de trem entre o Rio de Janeiro e Magé, quando o olhar autocentrado dos recém-chegados, que consideram os outros como « exóticos », é corrigido pelo narrador: « Não se cansam de admirar a paisagem luxuriosa [...] »

¹⁹ Aliás, em outra passagem da autobiografia de Yussef existe uma menção à fraude de que teriam sido vítimas sua irmã e seus companheiros de viagem durante a estada em Marselha (p. 84).

²⁰ Essa falta de informações também ocorre no outro sentido: dentre os libaneses residentes no Brasil, vários se espantam quando ficam sabendo, através de Yussef, do fim do Império Otomano e da instalação do Protetorado francês (p. 37), ocorridos quase dez anos antes (1918; 1920).

²¹ Outras passagens do romance confirmam que as informações que circulavam repetiam os mesmos aspectos « E do Brasil [...] tinha ideía vaga, país tropical, fabuloso, fantástico, de índios, de negros, de mistura de raças, imenso, tão misteriosamente misterioso que, diziam, dava dinheiro em árvores, país do qual, de tempos em tempos, recebia notícias da irmã que há muito, não sabia ao certo quanto tempo, para lá se dirigira no rastro do irmão do norte [...] » (p. 66); « [...] depois, pelo que o pai havia ouvido dizer, não existia limitação de entrada, o país imenso, com intermináveis vazios, necessitando mão de obra para o campo, para o interior, para a cidade, para tudo, país rico com amplas possibilidades para os que desejassem iniciar vida nova e não temessem trabalhar para valer » (p. 68).

como não se cansam de admirar os tipos exóticos. Ou melhor, mais correto, exóticos seriam eles! » (p. 43). Mas o leitor minucioso identificará essa relativização identitária em dois outros episódios: aquele em que a jovem que ajuda Tamina nas tarefas domésticas se demite, assustada, quando fica sabendo que Yussef come carne crua (p. 170-171), e aquele em que Yussef, acolhido na casa de um cliente no campo, vomita após saber que o prato servido no jantar, que ele tanto apreciara, era na verdade carne de macaco (p. 88-89).

Essa dialética da alteridade se estabelece também entre a família de Yussef e outros imigrantes ou descendentes de imigrantes, já instalados no Brasil. Primeiro, nos episódios reveladores de certa solidariedade por parte de personagens sensíveis às dificuldades enfrentadas por essa família. É o caso de uma senhora no trem, que quer saber de onde eles vêm e se lembra de sua própria chegada, há muito tempo (p. 43). Também é o caso do motorista de táxi que encontra Yussef e sua família no cais da Praça Mauá. Esse descendente de escravos, descrito como alguém que tem o hábito de conviver com imigrantes – os quais constituem boa parte de sua clientela – prova ter uma atitude de abertura quando tenta se comunicar em diferentes línguas (p. 27). O narrador evoca a hipótese segundo a qual ele seria sensível à semelhança entre o que vive essa família de imigrantes e o que teriam vivido seus próprios ancestrais, vindos de navio da África (p. 28).

Porém, *Nur na escuridão* apresenta episódios que põem em cena a atitude oposta. A localidade de São Pedro de Alcântara é descrita como uma pequena comunidade, primeiro enclave da imigração alemã no estado de Santa Catarina. Sendo 90% de seus moradores de origem alemã, poucos dentre eles falam português, evitando deslocar-se tanto à cidade quanto à capital :

Raros contatos tinham com São José, sede do município; menos ainda Florianópolis, a capital. A ida à sede ou à capital era uma aventura, viagem adrede preparada, motivo de discussões, avaliações, para serem resolvidos problemas, negócios há muito pendentes. Levavam pedidos de parentes e amigos, depois dizendo lá não volto tão cedo, da outra vez tu vais em meu lugar (p. 96).

A prosperidade do negócio de Yussef e a satisfação de seus clientes são consideradas uma ameaça para os comerciantes já estabelecidos. Eles queixam-se ao pastor, autoridade muito influente, que, em seus sermões, começa a incitar ao boicote à loja de Yussef. A diminuição na frequência de seu comércio é imediata. Os únicos clientes que vão lá, escondem-se, pedem discrição e só se arriscam a tal empreitada quando precisam com urgência de uma mercadoria que não é encontrada nos comércios « locais » (p. 99). Isso cria

uma situação econômica insustentável: Yussef e sua família são obrigados a se mudar menos de um ano após sua instalação em São Pedro de Alcântara.

Nessa comunidade, muito fechada em si mesma, os clientes que vêm conversar na loja de Yussef antes do boicote têm curiosidade acerca de seu percurso. Perguntam-lhe como, tendo partido de um país tão longínquo como o Líbano - cuja localização exata ignoram - acaba instalando-se nesse lugarejo perdido. Relativizando a exclusividade do estigma de estrangeiro, Yussef estabelece uma analogia com eles mesmos ou com seus pais e avós vindos da Alemanha: « O pai [Yussef] brincava, retrucando, da mesma forma que vocês vieram da Alemanha; e um, eu não, meu avô; e o pai, então teu avô, de onde mesmo, ah, Hamburgo, é o mesmo » (p. 98).

Essa analogia é reforçada pelo narrador quando ele denuncia a maneira pejorativa pela qual os comerciantes descontentes com o êxito de Yussef o designam: « [...] esse estrangeiro, esse turco, chegou ontem e nos tomou a clientela, *sem se lembrarem que também eles eram imigrantes, ou filhos ou netos de*, passaram a chamar o pai [Yussef] de turco e de gringo (p. 98 – grifo nosso). Esse episódio, mostra de discriminação e de isolamento comunitário explícita a « ferida identitária » operada por esses epítetos²². Se Yussef tenta relativizar o primeiro (« turco »), por compreender sua explicação histórica, o segundo (« gringo ») o deixa perplexo (p. 99), porque ele parte do princípio que em São Pedro de Alcântara são todos imigrantes (« ali, eram iguais, todos imigrantes » – p. 99). Essa associação é novamente reforçada pelo narrador por meio da formulação « Deslembavam-se de que eram chamados de galegos » (p. 98), que remete a outros clientes alemães, na localidade de Rachadel, para onde a família de Yussef se muda em seguida. Efetivamente, aqueles que utilizam água e toalhas disponibilizadas por Yussef para que lavem os pés, as mãos e o rosto depois de terem andado quilômetros a fim de chegar à missa, o chamam respeitosamente de « seu Zé » (p. 169), enquanto que, aqueles que querem pagar a crédito ou com produtos agrícolas, o chamam de « gringo ». É a propósito desse último epíteto que o narrador relativiza mais uma vez: « Esquecem que, na absoluta maioria, são descendentes de alemães » (p. 170).

Após sua instalação em Biguaçu, esse epíteto pejorativo continua a ser empregado, agora por pescadores pobres que impõem a Yussef a troca de suas mercadorias por sacos de camarões secos: « seu Zé Gringo (o gringo podia, jamais o turco) quer nos tapear, quer né, veio lá das profundas do mundo no outro lado da terra pra enganar a gente » (p. 180). É nesse lugarejo que Yussef sofre o segundo boicote, motivado não mais pela concorrência que faz a

²² Utilizamos aqui a expressão cunhada por Amin Maalouf, que dá título a um de seus livros.

outros comerciantes, mas por uma divergência de orientação política. Depois da invasão da antiga Tchecoslováquia pela Alemanha, os simpatizantes de extrema direita desertam sua loja, mas enviam delatores. Outros clientes provocam Yussef:

[...] outros, menos fanáticos, continuam aparecendo, vêm assuntar e vêm provocar aquele gringo que uns dizem ser simpatizante do comunismo, que horror, insinuem, risinho sardônico: como é, seu Miguel, quais as novidades, existem os mais agressivos, e aí, hein, seu Zé Turco, o que me diz agora, ainda tem coragem de repetir que a Alemanha... a frase fica pendente, misto de gozação e ameaça, de novo acompanhada pelo riso mais aberto, contundente (p. 124).

Mas a discriminação resultava também de um sentimento de inferioridade devido à disparidade no nível de instrução. Sempre muito interessado pelo noticiário – no que se refere ao Brasil e também aos outros países – Yussef escuta rádio assiduamente (aparelho raro na época nas localidades do interior). E, quando possível, encomenda jornais e revistas da capital (p. 184). Frequentemente, seus clientes perguntam sua opinião sobre os últimos acontecimentos. Além de saber ler e escrever em árabe, Tamina e Yussef podem fazê-lo igualmente em português. Isso suscita cumprimentos, que orgulham seus filhos, mas também ressentimentos, traduzidos mais uma vez pelo epíteto pejorativo:

Os filhos se envaideciam dos pais, colegas de escola comentando: ontem, lá em casa, meu primo, intrigado dizia, como é que pode, seu Zé e dona Tamina já sabem ler tão bem e escrever em português, e a minha irmã, que nasceu aqui, é analfabeta, teve que sair da escola, não adiantava; outro retruca, vê só temos *tantos entre nós* que nada sabem e *vêm uns turcos pra nos dar lição*. Vergonha! (p. 117 – grifo nosso).

Ao longo do romance, várias alusões são feitas à maneira pela qual Yussef é chamado, traço identitário revelador da posição que seu interlocutor adota na relação²³. Assim, já no capítulo inicial, quando Yussef fala a outros libaneses na igreja ortodoxa do Rio de Janeiro, o narrador sublinha que seu nome pode variar: « E tu Yussef (ou José, dependendo do perguntador [...]) » (p. 21), « (na igreja o pai volta a ser Yussef) » (p. 23). É em São Pedro de Alcântara que começa a deformação de seu nome para o equivalente em língua portuguesa (Yussef/Josef – p. 98). Ao longo do tempo, os epítetos se multiplicam: seu José, seu Zé, seu Zé Miguel, seu Miguel, seu Zé Gringo, seu Zé Turco, Zé Turco. Até Tamina acaba por

²³ Também é o caso do irmão de Tamina, que se torna « Hanna/João » (p. 99), « Hanna-João (ou João-Hanna, dependendo da ocasião, dos humores, do questionador) » (p. 175), e é chamado pelos filhos de Yussef e Tamina de « tio João » (p. 175, 189).

interpelá-lo de diferentes maneiras: Yussef, José, e por um nome híbrido, Yusef (p. 181). No entanto, quando ela está preocupada, é em sua língua materna que ela o chama: « (às vezes, entre eles, na intimidade, quando está preocupada, é Yussef) » (p. 123), « a mãe, mais prática, preocupada, costuma repetir: José, precisas cobrar [...] um horror as dificuldades, a fome, a miséria, onde vamos parar, Yussef? » (p. 125).

Essa denominação plural – que coloca em jogo o nome, seja em árabe seja em português, acompanhado às vezes de adjetivos portadores do estigma de estrangeiro – é reveladora de uma identidade construída no contato entre duas culturas. É precisamente ao processo de adaptação de Yussef e sua família, bem como a suas « feridas identitárias », que nos interessaremos a seguir.

As feridas identitárias no « entre-dois »

No capítulo inicial, quando Yussef recorda sua chegada ao Brasil, a inoperável negociação cultural à qual ele e sua família serão levados é claramente formulada: « é a nova *maksuna* à qual terão de ir se adaptando, terra que precisarão aprender a amar, é o embate entre duas concepções de mundo, de vida » (p. 17). Durante suas conversas com os compatriotas encontrados na igreja ortodoxa do Rio de Janeiro, o tema também é abordado « [...] explicando os primeiros tempos, a difícil adaptação à nova terra, *maksuna* da qual nada sabiam, de hábitos e costumes tão diferentes » (p. 21).

Fator essencial na inserção dos recém-chegados, o domínio da língua do país de acolhida condiciona sua compreensão da nova cultura e suas incursões ao exterior da comunidade de compatriotas. No romance de Salim Miguel, a importância desse instrumento é valorizada já no título, bilíngue: *Nur na escuridão*, explicado no primeiro capítulo. *Nur*, a tradução árabe de « luz », é a primeira palavra que Yussef compreende em português: « o pai entende a palavra que jamais esquecerá e lhe abre as portas do novo mundo » (p. 25). Efetivamente, um dia depois de sua chegada, Yussef começa o aprendizado da nova língua, junto a seus compatriotas (p. 82), mas também sozinho, tentando decifrar o jornal (p. 86). Com o passar dos anos, os filhos nascem e começam a falar português mesclado de árabe. A segunda geração não dominará a língua de seus pais: os filhos saberão no máximo reconhecer o vocabulário ligado à gastronomia (p. 149) ou ao gamão (p. 153-157), ou ainda passagens de poemas muitas vezes repetidas por Yussef (p. 158). Quando a família se instala em São Pedro de Alcântara, eles falam entre si uma mistura de árabe e português, enquanto que com os clientes devem exprimir-se em português e alemão (p. 97-98).

A fim de melhor se integrar à comunidade, Yussef não só aprende alemão como também faz uma doação em dinheiro para a construção da igreja, em cuja obra Hanna trabalha como voluntário. Quanto a Tamina, ela se aplica em ajudar as vizinhas (p. 98-99). No entanto, esses esforços não serão suficientes para impedir o boicote à loja de Yussef, que mencionamos anteriormente.

No caso de Yussef, o fato de se dedicar ao comércio incrementa a necessidade de adaptar-se ao novo país. No Líbano, ele exercera diversas atividades: «Trabalhara como ajudante de pedreiro, professor substituto de primeiras letras, assessor (seria esta a expressão correta?) de padre, cuidara de umas cabras vadias, fora operário de uma fabriqueta de azeite [...] voltou a trabalhar como remendão com um velho conhecido, foi cuidar de umas cabras, procurou lecionar» (p. 54). Antes de deixar o Líbano, sua futura atividade profissional continua uma incógnita, mas, uma vez no Brasil, não resta dúvida: todos os libaneses começavam mascateando (p. 41 e 92). Se no começo de sua estada a hipótese de abrir uma escola para ensinar o árabe aos filhos dos imigrantes é evocada por um compatriota (p. 42), Yussef não escapa da atividade comercial, que no entanto não lhe convém (p. 134). Aliás, quando ele conta suas lembranças, não deixa de chamar a atenção para esse destino do qual os imigrantes libaneses não podiam escapar (p. 82).

O papel representado pela comunidade libanesa na inserção econômica dos recém-chegados é primordial, da hospedagem à transmissão de informações práticas e necessárias à compreensão do país de acolhida, passando pela inserção na rede comercial preexistente.

Assim, Yussef e sua família são alojados no Rio de Janeiro pelo conhecido de um conhecido (p. 28), em Magé pela irmã de Yussef, Sada (p. 82), e no estado de Santa Catarina por primos (p. 95). Por sua vez, anos mais tarde eles acolhem, em sua casa em Alto Biguaçu, parentes, compatriotas e parentes de parentes que fogem de Florianópolis durante a Revolução de 1930 (p. 173).

O compatriota que os aloja no Rio de Janeiro mostra a cidade a Yussef e Hanna, lhes explica a imensidão territorial do país, sua população mestiça de costumes variados, a situação política, e os ajuda a trocar dinheiro, recuperar suas bagagens, enviar um telegrama à Sada. Ensina-lhes também algumas frases em português (p. 34-40). Em Magé, ensinam-lhes técnicas de vendas e a abordagem a adotar segundo a nacionalidade do cliente (p. 90). Para que Yussef possa dedicar-se aos negócios sem precisar de investimento inicial, os produtos lhe são confiados em consignação, por compatriotas que lhe concedem facilidade de pagamento (p. 83), o mesmo acontecendo quando se transfere para o estado de Santa Catarina (p. 97).

Mas essa comunidade também pressiona aqueles que ficam à margem. Com efeito, o bispo no Rio de Janeiro queixa-se porque o filho de Yussef não frequenta nem a igreja, nem os comerciantes libaneses, nem as associações de compatriotas (p. 22-23): « não *ahabba* sua gente, precisa gostar, precisa não renegar a raça a que pertence, precisa conhecer a história de sua terra (tão rica em acontecimentos), precisa participar das reuniões da colônia, precisa se integrar, precisa entrar para o Clube Monte Líbano, precisa » (p. 23). Por sua vez, Yussef insiste para que seu filho retome as aulas com o bispo, já que apresenta dificuldades para acompanhar as conversas em árabe. A impossibilidade que o primogênito tem de compreender a língua de seus pais gera um sentimento de exclusão que revela feridas identitárias:

Por vezes sente-se alijado, um intruso, quando começam a conversar só em árabe. É que chegou um novo imigrante que nada conhece do português. De repente, para melhor se comunicar, necessitam do idioma original. Fica preso a um som, a todos os sons, que não lhe são alheios, procura captar o sentido de algumas palavras, mas o entendimento geral lhe foge, nunca consegue apreender as frases e o que significam, e se sabe que *buka* é choro, um choro que agora procura conter, segura o bolo na garganta, aquela *ihadditu* lhe escapa por inteiro (p. 22).

Além dessas dores provocadas pela sensação de não pertencimento ao grupo e pela perda da língua materna, a segunda geração deve igualmente enfrentar a ausência de uma família tradicionalmente constituída. Quando Yussef e sua família moram em Biguaçu, os filhos sentem-se diferentes e diminuídos em relação a seus amigos pelo fato de não terem avós que os visitem e lhes deem presentes. Em função disso, a partir das poucas informações dadas por seus pais, eles terminam por inventar: « Como, então, (re)criar um avô, como resolver o complexo problema de se fabricar um avô, um avô condizente? Necessitavam de avós para se sentirem iguais aos outros, para se integrarem naquele universo, que era e não era o deles [...] » (p. 120). No intuito de preencher essa lacuna em suas construções identitárias, criam seres híbridos, inspirados nos avós de seus colegas e também em personagens de histórias ou em pessoas famosas vistas em revistas ou jornais. Eles também mencionam a seus colegas o irmão da mãe – o tio Hanna, cuja morte eles silenciam – e inventam cartas e visitas da irmã do pai, a tia Sada, contando que ela os mimar com presentes, bombons e carinhos (p. 121).

O Líbano de Yussef é também um país híbrido, colagem de lembranças reconstituídas, reinventadas, de informações veiculadas pela mídia. Idoso, ele recusa a viagem que seus filhos querem lhe oferecer, pois prefere preservar o país de sua infância e juventude, que sabe

não mais poder encontrar fora dos seus pensamentos. Essa impossibilidade é claramente formulada:

Funda no peito uma dúvida corroía-o, outra razão para recusar com tamanha firmeza os frequentes convites: qual Líbano, qual Amiun, qual Kfarssouroun, quais estilos de vida, quais modificações nos hábitos, nos costumes, nas tradições, quais amigos, quais parentes restariam? As poucas informações que chegavam, através de cartas espaçadas, de rarefeitas notícias nos meios de comunicação, eram desanimadoras, jamais lhe devolveriam intocada sua terra (p. 162).

Perdido em suas lembranças, recorda com orgulho os períodos de crescimento e os grandes sábios da cultura árabe, a qual transmite a seus filhos, que ele incita a ir ao Líbano em seu lugar: « Nos últimos tempos, dizia rindo: vão vocês em meu lugar, novidades, tudo irão ver, eu já conheço, comprovam o que conto, deixam de lado esse ar cético, como se eu estivesse exagerando, me digam, não sentem vontade de conhecer a *maksuna* dos antepassados? » (p. 162).

Ora, podemos considerar que *Nur na escuridão* corresponde a essa viagem pelas terras dos ancestrais, não somente graças ao diálogo que a narrativa estabelece com a autobiografia do patriarca – ficcional e real – mas também graças ao pacto autobiográfico inscrito no desdobramento primogênito/narrador adulto.

Partindo de vários elementos autobiográficos, Salim Miguel cria uma narrativa ficcional na qual a fragmentação do tempo e do espaço contribui para a construção de um universo marcado por contradições e incompletude, no qual a história oficial e a história pessoal se cruzam constantemente. Assim, identificamos em *Nur na escuridão* vários elementos relatados pela história da imigração libanesa no Brasil, no que concerne o contexto econômico do Líbano, o desenrolar da viagem transatlântica, o funcionamento da comunidade de compatriotas já instalados, suas redes comerciais e sociais. Episódios da história mundial ou do país são frequentemente mencionados. Mas esses fatos são tratados no romance na medida em que são determinantes na vida das personagens.

Ao longo das páginas, as feridas identitárias da família de libaneses que se estabelece no estado de Santa Catarina se tornam visíveis. Discriminação da parte de outros imigrantes, aprendizado problemático de uma língua estrangeira, ausência dos avós, esquecimento da língua materna, impossibilidade de reencontrar o país de origem tal como o conheciam. Prisioneiras do « entre-dois », a primeira e a segunda geração de imigrantes estabelecem

estratégias de adaptação que vão no sentido de operar uma síntese de duas culturas sem conseguir preencher o que sua história familiar comporta de lacunar.

Exercício de memória, exercício de escrita, a reconstituição das experiências vividas não se dissocia do questionamento permanente de uma suposta versão definitiva. Na vida como na literatura, a realidade permaneceria em parte uma interrogação e seríamos obrigados a reescrever constantemente nossa versão dos fatos nas páginas do verossímil, como sugere o narrador de *Nur na escuridão*:

Fragmentos somem e reaparecem. [...] Pouco adianta teimar, nos esforçarmos na busca de recompor, pela ordem, o que se desgarrou, trazer de volta o que já foi, para que volte a ser. Idêntico ou modificado, nem importa. [...] Mesmo que acreditemos tê-lo conseguido, é inevitável que existam lapsos, ocorram falhas, incompreensíveis rupturas. É um complexo processo que foge ao controle e tudo parece comandar, disciplinar. Por vezes, o que nos chega nem é memória vivida, é memória de outrem que se nos incorpora reconstituída – e passa a ser nossa. Simulacros apenas? Quem sabe! (p. 166-167).

Referências bibliográficas

ANGIOLILLO, Francesca. « Salim Miguel ganha Troféu Juca Pato », *Folha de São Paulo*, 06 jun. 2002.

ARAÚJO, Paulo. «Entre a ficção e a vida real», *Correio Braziliense*, Brasília, 28 set. 2000.

BASTANI, Jorge. *O Líbano e os libaneses no Brasil*. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1945.

KNOWTON, Clark. *Sírios e libaneses – mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1960, p. 28-29, tradução de Yolanda Leite.

MAALOUF, Amin. *Identités meurtrières*. Paris: Hachette, 1998

MIGUEL, Salim. *Alguma gente* (histórias). Florianópolis: Editora Sul, 1953.

_____. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. *Rede*. Florianópolis: Editora Sul, 1955.

_____. « Troféu Juca Pato », *Jornal da UBE*, n°100, out. 2002, p. 5-6.

OS 125 ANOS DA IMIGRAÇÃO LIBANESA NO BRASIL,
http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/relacoes_internacionais/atuacao_internacional/0011, último acesso em nov. 2006.

PAGANINI, Joseana. « Saga de uma família libanesa », *Jornal de Brasília*, 28 set. 2000.

Qantara, magazine des cultures arabe et méditerranéenne, Paris, Institut du Monde Arabe, n° 56, 2005, p. 2.

ROLLEMBERG, Marcelo. « *Nur* recupera uma história ainda por contar », *O Globo*, 25 dez. 1999.

SAFADY, Jamil. *A imigração árabe no Brasil (1880-1971)*. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.

_____. *Panorama da imigração árabe*. São Paulo: Editora Comercial Safady, 1972.

TRUZZI, Oswaldo. « O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo », *Revista de estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 27, 2001, p. 119-120.

Z Aidan, Assad. *Raízes libanesas no Pará*. Belém: Governo do Pará, Secretaria Especial de Promoção Social, 2001, p. 73.